# MULTIPLICIDADE DE VOZES EM *O CENTAURO NO JARDIM*

## MULTIPLICITY OF VOICES IN *O CENTAURO NO JARDIM*

*Neuza de Fatima Vaz de MELO*[*]

**Resumo:** Neste artigo, procura-se demonstrar a questão do judeu, na obra metaforizado em Guedali, o centauro. Objetiva analisar em que medida o sujeito do discurso se (des)constrói, se desdobra, se dispersa em vários eus, evidenciando uma multiplicidade de vozes produzidas no confronto entre os vários sujeitos bem como explicitar as formações discursivas nas quais esses sujeitos se constituem. Recorremos aos construtos teóricos que fundamentam a Análise do Discurso de linha francesa. Como resultado, a heterogeneidade de vozes vislumbrada propiciou o sujeito-narrador, protagonista Guedali, constituir-se em Centauro e Homem, este ser histórico, social e mítico.

**Palavras-Chave**: Sujeito; Discurso; Formação Discursiva.

**Abstract:** This article intends to demonstrating the question of the Jew, in the work methaphorised in Guedali, the centaur. It aims to analyzing in which level the subject of discourse is de (constructed), unfolded and dispersed in several Is, showing a multiplicity of voices produced in the confrontation between the several subjects as well as expliciting the discursive formations in which these subjects are constructed. We appeal to theoretical constructs that support the French Discourse Analysis. As a result of it, the heterogeneity of voices achieved promoted the subject-narrator, protagonist Guedali, to become Centaur and Man, this historical, social and mythical being.

**Keywords**: Subject; Discourse; Discursive Formation

O propósito deste artigo é apresentar parte do projeto de pesquisa resultante de indagações e pesquisas que nos permitiram uma incursão pela obra *"O Centauro no Jardim"*, de Moacyr Scliar, publicada em 1990. Percebe-se que diferentes discursos, tais como a imigração, a política, o judeu, a religião, a identidade, dentre outros, apresentavam-se com diferentes vozes caracterizando os vários sujeitos, coexistindo em um único espaço discursivo: a obra literária em estudo. A maior parte desses discursos está presente em nossa sociedade, são contemporâneos no cenário nacional. Por essa razão, a obra foi escolhida tornando-se o objeto de estudo, pois:

---

[*] Mestre em Lingüística pelo Instituto de Letras e Lingüística (ILEEL-UFU). Este artigo é um recorte de nossa dissertação intitulada *As Múltiplas Vozes em O centauro no jardim: A constituição dos sujeitos,* sob a orientação do Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes. Contatos: neuzafatimavaz@gmail.com

> Analisar o discurso é fazer desaparecer e reaparecer as contradições; é mostrar o jogo que jogam entre si; é manifestar como pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência (FOUCAULT, 2002).

O que se infere das palavras de Foucault é que o analista deve trabalhar o discurso com a preocupação de inscrevê-lo em uma relação da língua com o social, com a história, buscando no palco da materialidade linguística as marcas das contradições ideológicas.

O eixo norteador para a análise centra-se na questão do judeu, na obra metaforizado em Guedali, o centauro. Filho de judeus camponeses, o seu nascimento bizarro é responsável pela disseminação de uma linguagem, também inusitada, refletindo os conflitos do personagem, que não aceita sua condição "monstruosa". Numa trajetória de fuga e busca de si mesmo, Guedali aventura-se a desvendar e eliminar seu aspecto animalesco. Há, pois, um processo dedescentaurização através das várias tentativas por ele buscadas.

Em nosso percurso, recorremos aos construtos teóricos que fundamentam a Análise do Discurso de linha francesa. Partimos das noções bakhtinianas de dialogismo e polifonia, problematizados por Autier-Revuz (1982), que propõe o conceito de Heterogeneidade Discursiva para dar conta das formas de negociação do sujeito com a linguagem e no interior da mesma. Ainda, do ponto de vista das referências teóricas, recorremos às noções de *formações discursivas* propostas por Foucault (1996, 2002) e Pêcheux (1990, 1997), que defendem a tese de que as *formações discursivas* são utilizadas para designar o lugar onde se articulam discurso e história, discurso e ideologia, respectivamente.

Para Pêcheux (1997, p. 17), "a ilusão discursiva do sujeito consiste em pensar que ele é a fonte, a origem do sentido do que diz". E para Foucault (1996, p. 06), um sujeito ocupa uma posição enquanto enunciador, sendo então o sujeito da ordem do discurso. Por isso, o sujeito deixa de ser o centro da interlocução e passa a estar não mais no *eu* e no *tu,* mas no espaço criado entre ambos, ou seja, no texto.

Em se tratando do sujeito em "O Centauro no Jardim", temos um sujeito que se constitui articulando a memória discursiva: o passado estará presente como efeito de pré-construído, de já-dito. No entanto, ao mesmo tempo em que desencadeia efeitos de sentidos, será também um "*jamais-dito*". "O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de seu retorno" (FOUCAULT, 1996, p. 26).

Desse modo, Bakhtin (1998: 89) afirma:

> Ao se constituir na atmosfera do já dito, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado ao mesmo tempo pela réplica ainda não dita, mas solicitada e já prevista.

Nessa perspectiva, o discurso, segundo Orlandi (*apud* Brandão,1998, p. 89):

> Não é fechado em si mesmo e nem é domínio exclusivo do locutor: aquilo que se diz significa em relação ao que não diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação a outros discursos.

Segundo Foucault (1996, p. 6), "Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso; eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível".

Dado o exposto, esta pesquisa objetiva analisar em que medida o sujeito do discurso se (des)constrói, se desdobra, se dispersa em vários eus, evidenciando as múltiplas vozes produzidas no confronto entre os vários sujeitos e a constituição das formações discursivas nas quais esses sujeitos se constituem.

As hipóteses que fundamentam a pesquisa são as de que as ocorrências das múltiplas vozes perceptivas na materialidade discursiva para verificar se as condições de produção do discurso são capazes de determinar as práticas sociais em o Centauro enquanto centauro, a sua transformação e a presença dos vários sujeitos em um mesmo sujeito.

O procedimento de análise implica um processo de ir e vir constante entre teorias, exame de *corpus* e a própria análise.

Conforme Authier-Revuz (1982, p. 38), interpretando Lacan,

> [...] em nossas palavras outras palavras se dizem; por trás da linearidade conforme, a emissão por uma só voz, se faz entender uma polifonia, que segundo Bakhtin (1992), categoriza os textos literários, reconhecendo que várias vozes falam simultaneamente, sem que uma prepondere outras.

Para Bakhtin (1988), o que caracteriza um romance é que nele diferentes vozes sociais defrontam-se, entrechocam-se, manifestando diferentes pontos de vista sociais sobre um dado objeto. O romance

reside na especificidade de representar um espaço discursivo. É nessa perspectiva que se desenvolve "O Centauro no Jardim".

As Formações Discursivas (FDs) são heterogêneas entre si. Sendo, pois, a formação discursiva um espaço atravessado por outras formações discursivas, que, por vezes, contradizem, refutam-na. Em outras palavras, ela não pode ser concebida como formada por elementos ligados entre si por um princípio de unidade. É nesse sentido que Foucault (2002, p. 43) a concebe como uma dispersão. Trata-se de uma FD (p. 43) quando se pode descrever, entre certo número de enunciados, um sistema de dispersão, no qual entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, pode-se definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações*).*

O sujeito-narrador marca o espaço social, o lugar de onde fala, que também existe na voz própria do imigrante, aqui representado pela voz da mãe, tão digno de falar como qualquer outro habitante brasileiro: *"*O bandido! Nos tirou de casa para nos trazer para este inferno, para este fim de mundo! Vou morrer, por culpa desse assassino! Ai, meu Deus, estou perdida, me ajuda!" (p. 19). Assim, o dizer em questão, na voz da mãe, representa a vida que, na realidade, o colono judeu, vindo da Rússia, teve de enfrentar e construir na fazenda Quatro Irmãos, no Rio Grande do Sul. Esta era isolada, sem recursos e não muito apropriada para agricultura, além da situação de abandono material, de desprezo da organização filantrópica financiada por ricos judeus da Europa Ocidental: a Jewish Colonization Association, ou, como era conhecida, ICA, fundada pelo barão Hirsch. Embora, mediante promessas faraônicas, Rosa – a mãe de Guedali – resiste à ideia de emigrar, sente-se insegura, tendo de abandonar sua aldeia, que representa a estabilidade, e a nova terra, o incerto, expondo o medo do desconhecido, da possibilidade de contrair doença, da pobreza. Como era de se esperar, a família imigrante dos Tartakovsky representa a dimensão da violência sofrida pelos judeus nas terras do Rio Grande do Sul.

Como se observa, o discurso nunca encontra o objeto para o qual está direcionado em estado virgem, antes, ele o encontra já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele (BAKHTIN, 1998, p. 86).

Considerando a FD marcada pela inserção do judeu ao mundo e na sociedade brasileira, o judeu, representado na figura do Centauro enquanto centauro, o sujeito-narrador enuncia:

> Aos poucos a sensação de diferença, de bizarria me impregna, se incorpora ao meu modo de ser; [...] por que sou assim? O que aconteceu, para que eu nascesse deste jeito? [...] as feridas cicatrizam, as partes dispersas se unem, o sofrimento adquire um sentido: sou um centauro, um ser mitológico, mas sou também o Guedali Tartakovsky, o filho de Leão e Rosa, o irmão de Débora, Mina e Bernardo; o judeuzinho (p. 36-37).
> [...] Eu era mesmo um adolescente bonito. Até a cintura, naturalmente. Daí para baixo – centauro, centauro, irremediavelmente centauro (p. 64).

Vê-se que o sujeito do discurso opera seu discurso em vários discursos outros que se interpenetram, marcados pela busca de uma identidade ou pertença, mesmo que a identidade seja negativa. Dentro de seu espírito aflitivo e indagador, mostra que a estranha condição de animal ou como ser humano o torna, *a priori*, infeliz, condenado e vítima do destino. A força polifônica dos enunciados, reveladora de FDs vinculadas ao comportamento histórico-social em que o enunciado é marcado na materialidade discursiva pela forma *mas,* funciona como recurso de deslocamento no interior do entrelaçamento discursivo. O Centauro deixa de ser somente mitológico e volta a ser o Guedali, o centro do entrecruzamento discursivo. Guedali é caracterizado pela diferença a partir do seu nascimento. Esse lugar discursivo, bem como outros, o de ser judeu, por exemplo, possibilitam-lhe enunciar-se, mover-se como sujeito em diversas FIs e FDs estranhas a suas expectativas, seus desejos e suas necessidades.

Assim posto, apresenta-se no intradiscurso a voz do sujeito-judeu representado por meio do sujeito-diferente, do sujeito-excluído na acepção de Stuart Hall. O excluído se vê como superior nunca como inferior. Isso ocorreu com o povo judeu, que se viu como povo eleito por Deus, aceitando sua sina, sua trajetória como marca do mérito, da diferença que enaltece. Na continuidade da análise, as FDs marcadas pela religião são reforçadas pela história da diáspora, conforme o fragmento seguinte: "Não falarei dos cavalos internos que galopam dentro de nós – não sei se existem. E nem é cavalgada, para mim, a marcha incessante da História rumo a um destino que não sei qual é" (p. 14) O sujeito-narrador focaliza "a marcha incessante da História rumo a um destino não sei qual é" através do deslocamento histórico, mostrando vozes que fazem ouvir no intradiscurso, a voz da Diáspora, rememorando um episódio central da história do povo judeu, tal como relatado no Êxodo, livro II da Bíblia: a escravidão dos judeus e sua libertação com a saída ou fuga do Egito rumo a Terra Prometida.

É importante ainda observar as expectativas, os desejos no fragmento que se segue: "[...] Hei de encontrar [...] o lendário país dos centauros, dos reis dos centauros, dos súditos centauros, dos lavradores centauros, dos escritores centauros. E das centauras" (p. 80-81). Vê-se que o sujeito-narrador enuncia-se numa FD historicamente marcada, na qual remete as suas significações a um contexto marcado pela FI, pelas várias classes sociais. Os efeitos de sentido apontam para o discurso marxista, o da luta de classes, além de apresentar a fragmentação dos sujeitos, da situação dos homens, na sociedade contemporânea. No fragmento citado acima, percebemos também a questão identitária, quando o sujeito-narrador deixa marcada a procura do *lendário país dos centauros;* esta procura é fonte de sentimento e pertencimento, ou seja, um vínculo identitário que abarca valores, como, por exemplo, família, trabalho.

Desta forma, é a identidade que nos caracteriza como pessoa ou como grupo social, sendo definida pelo conjunto de papéis que desempenhamos e é determinada pelas condições sociais decorrentes da produção da vida material. Quando referimo-nos ao sentimento de pertencimento, nos referimos à identidade cultural que, segundo Hall (2003, p. 50), é, assim, definida: "uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influenciam e organizam tanto nossas ações, quanto à concepção que temos de nós mesmos".

Seguindo a análise, o discurso presente sobre fragmentação da sociedade em classes explicita os desejos, anseios e frustrações dos sujeitos, numa dinâmica de inter-relacionamentos com o social. O sujeito-narrador enuncia que Guedali ao encontrar Tita (mulher-centaura) declara: "[...] Reconheço-a como minha, reconhece-me como seu. Somos da mesma aberrante estirpe, o pêlo dela é até um pouco parecido com o meu, alazão" ( p. 85).

Desse modo, nota-se o discurso do oprimido, uma vez que as personagens identificam-se pela opressão, pela anomalia, há um impulso que as aproxima, independentemente da ideologia, e ainda, na voz do cirurgião: "– Mas como? Então não sabes, Guedali? Tu, ser mitológico, não reconheces uma companheira de inconsciente coletivo? É uma esfinge, Guedali" (p. 183).

Assim, no interdiscurso, ditos por diferentes vozes, vistos por diferentes sujeitos, o fato de pertencerem à mesma estirpe, parece sugerir que na sociedade competitiva, encontra-se presente a luta pela sobrevivência: a guerra contra si mesmo e contra os outros. O

sentimento de marginalidade, sobrevindo à humilhação pessoal e familiar, a rejeição social, o estigma e o instinto de preservação pelo isolamento. Tais aspectos levam inclusive os homens a se converterem em animais e, como centauros a se sentirem também mais humanos, permitem exprimir suas inquietudes existenciais, ou seja, o mundo do homem duplo – sua situação de judeu brasileiro na sociedade em que vive, ao mesmo tempo como ser estranho e integrado à sociedade como partícipe.

No fragmento que se segue, o sujeito-narrador, enuncia seu dizer questionando a sua condição humana, apresenta-se, no intradiscurso, a voz do sujeito enquanto sujeito social, marcado pela violação da dignidade humana, um sujeito fragmentado, deteriorado nas relações sociais, e também da covardia e da crueldade do homem, marginalizado dentro do próprio lar.

> [...] Por que não engolia meu orgulho, então? Por que não voltava para Tita, para meus filhos, para meus amigos? Não. Isso não faria. Não sem antes ter esclarecido as dúvidas que me atormentavam. Não sem antes descobrir quem eu era: um centauro aleijado, privado de suas patas? Um ser humano tentando libertar-se de suas fantasias? (p. 213).

Acreditamos que as vozes nos fragmentos analisados articularam-se de tal modo que se presentificou nos discursos a continuidade da história judaica. Isso porque nas falas do sujeito-narrador se observou uma sobreposição de vozes – palavras ditas que são reditas de modo a ressignificar o passado que ora se faz presente por meio da memória e no novo modo de encarar a vida, retornam nas vozes de outros sujeitos sociais; palavras guardadas no tempo retornam num outro tempo, como é o caso de elementos inerentes à origem judaico-religiosa, enfim, são vozes que possibilitam o resgate da história, da memória, bem como o diálogo com a tradição.

No fragmento seguinte, o sujeito-narrador em um diálogo com sua mãe, denuncia consciente e explicitamente a ideologia da discriminação social e religiosa e as formações discursivas atreladas a elas. As FDs presentes referem-se à aceitação de matrimônio com pessoas não-judias e caracterizam o espaço de enunciação no discurso que sustentam a não aceitação da conversão, sem idealizações prevista pelas FIs do judaísmo na Diáspora. Também, ao dizer de sua diferença, renuncia uma atitude de superioridade, colocando-se em igualdade com a sua amada,

numa demonstração de aceitação do outro. No discurso religioso, na voz da mãe, denuncia a desigualdade de ser judeu ou não-judeu.

> – Ela não é da nossa gente – me dizia, quando estávamos sós. – Nunca vou me acostumar a ela.
> Mas também sou diferente, mamãe, eu ponderava, sou um centauro. Fazia um gesto de desprezo: ah, bobagens, Guedali. Tu eras diferente. Agora, depois da operação, ficaste igual a todo mundo. Mas tenho patas, mãe, bradava, já angustiado; queres coisa mais esquisita que um homem com patas de cavalo, mãe? E os que têm perna de pau, retrucava, não são gente? Não me vem com desculpas, Guedali. Podias ter arranjado uma moça judia. Patas ou não patas, uma tu acharias (p. 115).

Na continuidade da análise, vê-se que o sujeito-narrador apresenta um discurso desejoso de descobrir sua própria identidade. No entanto, apesar de poderem passar despercebidos, por dentro de suas botas permaneciam os resquícios de sua condição anômala.

> [...] fez um movimento, o bico de sua bota raspou-me o joelho. Como se fosse uma mensagem, uma advertência das patas, dos cascos: não nos esqueçam, estamos ocultos, disfarçados, mas continuamos aqui. Acima da mesa, Guedali e Tita eram os clientes de um simpático restaurante; conversavam e eram atendidos pelo amável garçom. Abaixo, eram as patas que comandavam, patas inquietas, doidas para galopar, nem que fosse no pátio do **Jardim das Delícias**, mas tendo de se restringir ao escasso metro quadrado que lhes era concedido no momento (p. 125).

Embora, o que ocorre no romance em análise é a voz da conscientização da diferença sofrida pelo casal, eles se dividem entre seu desajustamento na sociedade humana e a procura de uma solução para essa situação. Marginalizados, inconformados, revoltados e obsessivos, Guedali e Tita simbolizam a insatisfação que as pessoas podem ser levadas a sentir com sua identidade. Para esse casal, a incômoda situação é resolvida com uma operação cirúrgica que vai eliminar as patas equinas. Iludidos pelos benefícios que lhes traria a desejada identidade com o resto da população, chegam à conclusão que, apesar das aparências de normalidade, continuam equinos, dentro de suas botas ortopédicas.

> [...] Talvez por causa do uso prolongado de calças de tecido grosso, e da abundante aplicação de cremes hidratantes, o couro de nossas

> patas se tornava cada vez mais fino, mais semelhante à pele normal. O que ocorria homogeneamente: formavam-se grandes zonas de rarefação, em que os pêlos tinham caído, de modo que as patas apresentavam agora um aspecto geográfico, de mapas. Também os cascos se adelgaçavam; por causa das botas, talvez, estavam ficando mais compridos – o que nos obrigava, inclusive, a fazer moldes, que eram enviados para o Marrocos de onde o médico – a preços cada vez mais altos – continuava a nos mandar as botas. Os cascos de vocês estão cada vez mais parecidos com pés humanos, escreveu-nos, e era verdade (p. 156).

Percebe-se imediatamente, no enunciado acima, que se inicia a transformação do couro em pele, e a transformação dos cascos em pés. Isso implica dizer que ocorre a metamorfose não apenas física, mas a transformação comportamental, que constitui uma degradação do mundo exterior que o sujeito faz para si. O enunciado *outros cascos, e estes, outros, e estes outros, outros*- reforça o fato de que a condição social do judeu não muda na história, continua excluído do resto mundo.

> [...] Acompanhei-o. Foi um sacrifício: de repente, os cascos me doíam terrivelmente. Mal pude completar as seis voltas.
> A muito custo consegui chegar em casa. Tive de me deitar: a dor aumentava sempre. A sensação era de que os cascos se abririam a qualquer momento, como favas secas.
> (Que se abrissem, eu não temia: meu temor era outro. Que contivessem não embriões de pés, com pequenos brotos à guisa de dedos, mas sim outros cascos, e estes, outros, e estes outros, outros – como as bonecas russas de que meu pai falava – até que, portador de cascos microscópicos eu já não pudesse andar, tendo de me contentar em examinar as extremidades com lentes, e lembrando os dias em que, ao menos com botas, eu pudera caminhar) (p.166).

> Os cascos se abriram alguns dias depois daquela penosa corrida noturna. Não continham outros cascos, e sim pés mesmo, pequenos e delicados como os de um bebê. Nos primeiros dias estavam tão sensíveis que não pude caminhar. Eu já estava de cama, e continuei de cama. (...) Aliás, os cascos dela também já mostravam rachaduras; mais dias menos dia estarás de pés novos, eu dizia, gemendo de dor, enquanto tentava andar sobre um tapete macio. Por fim me habituei a caminhar e pude ir, de chinelos, comprar sapatos. Foi com emoção que enfiei as meias e os sapatos (p. 167).

> Quando entrei no quarto, Tita dormia.
> Aproximei-me cautelosamente, ergui o cobertor. Ali estavam os pés dela. Pés, não cascos. Pés miúdos, delicados. Como no dia de nosso reencontro, beijei amorosamente aqueles pés (p. 223).

Mesmo a amputação de sua *parte centauro* traz "a sensação de estar violando a obra da Natureza, talvez resultado de uma disposição superior-divina, quem sabe", a sua própria condição religiosa. Esta amputação poderia sugerir a renúncia de ser judeu. Assim, a metamorfose do centauro em ser humano é apreendida pelas personagens como um ato de violência, de rejeição à vida, em que a FD caracteriza a metáfora do judeu, o ser excluído do resto do mundo.

Em outras palavras, o fato de ter sido o centauro mutilado, "com exceção das suas patas dianteiras", que permaneceram e lhe permitiam galopar em vão, toda parte equina não o torna menos centauro ou menos judeu. Torna-o mais deprimido porque, diante da impossibilidade de ajustamento à sociedade, tanto Guedali quanto Tita não encontram outra solução senão abdicar da sua condição humana, preferindo o retorno à circunstância de animal e excepcionalidade.

No fragmento que se segue, o sujeito-narrador, enuncia seu dizer questionando a sua condição humana, apresenta-se, no intradiscurso, a voz do sujeito enquanto sujeito social, marcado pela violação da dignidade humana, um sujeito fragmentado, deteriorado nas relações sociais, e também da covardia e da crueldade do homem, marginalizado dentro do próprio lar.

> [...] Por que não engolia meu orgulho, então? Por que não voltava para Tita, para meus filhos, para meus amigos?
> Não. Isso não faria. Não sem antes ter esclarecido as dúvidas que me atormentavam. Não sem antes descobrir quem eu era: um centauro aleijado, privado de suas patas? Um ser humano tentando libertar-se de suas fantasias? (p. 213).

Ainda seguindo a análise, o sujeito social marcado pelo sujeito-narrador fala das relações e comportamentos da sociedade contemporânea. Em outras palavras, traz uma sensação de não-pertencimento, uma sensação de estar desajustado, em desacordo com seu meio, ou seus princípios; parece mostrar a imagem mais completa e acabada do homem marginalizado.

Assim, um único sujeito, sujeito-narrador, foi capaz de apresentar os vários sujeitos existentes, através dos quais se constituiu.

Considerarmos que as vozes nos fragmentos analisados articularam-se de tal modo que se presentificou nos discursos a continuidade da história judaica. Isso porque nas falas do sujeito-narrador se observou uma sobreposição de vozes – palavras ditas retornam nas vozes de outros sujeitos sociais; palavras guardadas no tempo retornam num outro tempo, como é o caso de elementos inerentes à origem judaico-religiosa, enfim, são vozes que possibilitam o resgate da história, da memória, bem como o diálogo com a tradição. Vozes que não deixam morrer a palavra, esta que se constitui paradoxal e, ao mesmo tempo, efêmera e duradoura, podendo se esvair ao vento, mas não sem deixar rastros de sua existência no tempo e no espaço onde viveu e que, por isso, é capaz de promover o diálogo entre tantos sujeitos sociais em um único.

Assim se posicionou o sujeito-narrador de "O Centauro no Jardim" a quem coube o papel de organizar a narrativa, disseminada nas vozes de tantos sujeitos outros.

**Referências**

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. RJ: Ed. Graal, 1982.

AMORIM, Marília. *O pesquisador seu outro:* Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2001.

AUTHIER-REVUZ, Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas/ SP. 1990, p. 25-42.

BAKHTIN, Mikail. *Problemas da poética de Dostoiévski.* Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec,1992.

_____. *Estética da criação verbal.* São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Questões de literatura e de estética:* (a teoria do romance). São Paulo: Editora da Unesp, 1998

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP,1997.

_____. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. e FIORIN, J. L. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade:* Em torno de Bakhtin. São Paulo, Edusp, 1994. p.1-9.

BRAIT, Beth. As vozes Bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, D. e FIORIN, J. L. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade:* Em torno de Bakhtin. São Paulo, Edusp, 1994. p.11-27.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso.* Campinas, SP: Editora da Unicamp,1998.

FAÏTA. Daniel. A noção de "gênero discursivo" em Bakhtin:uma mudança de paradigma. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bosco Cabral. Formação e Funcionamentos Discursivos. In: _____. *Teorias lingüísticas:* problemáticas contemporâneas. Uberlândia, EDUFU, 2003.p. 13-19.

FIORIN, José Luiz. (1994). Polifonia textual e discursiva" In: BARROS, D. e FIORIN, J. L. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade:* Em torno de Bakhtin. São Paulo, Edusp, 1994. p. 29-36.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *L'ordre du discours.* Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola,1996.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do discurso: lugares de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bosco Cabral (Orgs.) *Teorias Lingüísticas*: Problemáticas contemporâneas. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 21-34

_____. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria? In: GREGOLIN, Maria do Rosário V.; BARONAS, Roberto Leiser (Orgs.) *Análise do discurso*: as materialidades do sentido. São Carlos-SP: Claraluz, 2001. p. 60-78.

_____. Análise do Discurso: os sentidos e suas movências. In.:GREGOLIN, M. R.V.; CRUVINEL, M. F.; KHALIL, M. G. (Orgs). *Análise do Discurso:* entornos do sentido. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial, São Paulo: cultura Acadêmica Editora, 2001. p. 09-34.

HALL, Stuart. *Da diáspora:* Identidade e mediações culturais. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende

...[et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

IGEL, Regina. *Imigrantes judeus/Escritores brasileiros:* o componente judaico na literatura brasileira. São Paulo: Perspectiva: Associação Universitária de Cultura Judaica: Banco Safra, 1997 (Coleção estudos; 156).

INDURSKY, Freda. A fragmentação do sujeito em Análise do Discurso, In INDURSKY, Freda; CAMPOS, M. C. (Orgs.). *Discurso, Memória e Identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto,2000. p. 70-81.

MELLO, Renato de. Os múltiplos sujeitos do discurso no texto literário. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lucia; MELLO; Renato de. MARI, Hugo (Orgs.). *Análise do discurso em perspectivas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2003. p. 3-50.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e funcionamento*: as formas do discurso. 4. ed. Campinas: São Paulo, 1996.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. Unicamp,1997. p. 123-238.

_____. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Org. Françoise Gadet; Tony H. A. K. Tradutores: Bethânia S. Mariani ...[et al.] Campinas: Ed. Unicamp,1990.

SANTOS, João Bosco Cabral. Vozes e sentidos no gênero In: MARI , Hugo; MACHADO, Ida Lucia; MELLO; Renato de. (Orgs.). *Análise do discurso em perspectivas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pó-Graduação em Estudos Lingüísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2003. p. 73-82.

_____. A Polifonia no Discurso Literário. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bosco Cabral (Orgs.) *Teorias Lingüísticas*: Problemáticas contemporâneas. Uberlândia: EDUFU,2003. p. 45-50.

SCLIAR, Moacyr. *O Centauro no Jardim.* 4. ed. Porto Alegre: L&PM, 1991.

_____. *Judaísmo:* Dispersão e unidade. São Paulo: Editora Ática, 1994.

SILVA, T. T. *et al*. *Identidade e Diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

SPERBER,Suzi Frankl. Judaísmo e Identidade na Literatura de Cordel. Revista *ALPHA*. Patos de Minas. Ano 1, n. 1- nov./2000. p. 45-70.

SZKLO, Gilda Salem. *O bom fim do shtetl*: Moacyr Scliar. São Paulo: Perspectiva, 1990. (Debates; v. 231).

TEZZA, Cristóvão. A construção das vozes no romance. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 1997.

*Recebido em 20 de janeiro de 2010.*
*Aceito em 01 de março de 2010.*